Uma viagem pelo mistério da Doença de Behçet

Dr. Carlos Carneiro - Coordenador Nacional do Núcleo de Estudos de Doenças Autoimunes da SPMI

Há dias em que o corpo decide transformar-se num enigma indecifrável. Acordamos com o sabor agridoce de uma rotina familiar, mas as engrenagens invisíveis que nos sustentam parecem ranger. Na pele, na visão, no equilíbrio, as pequenas peças de um puzzle começam a desencaixar. É por vezes assim que se revela a Doença de Behçet: um sussurro silencioso que desafia a medicina e baralha a vida de quem por ela é visitado.

Descoberta no final da década de 30 pelo dermatologista turco Hulusi Behçet, esta doença autoimune rara e crónica carrega consigo um traço quase teatral — o da imprevisibilidade. É uma vasculite, uma inflamação multissistémica capaz de atingir vasos sanguíneos de qualquer calibre (dos pequenos capilares às grandes veias e artérias), como se quisesse redesenhar o mapa do nosso próprio sangue. Prefere os passos leves dos adultos jovens, gente no pleno arranque da vida, entre os vinte e os quarenta anos, a braços com projetos, carreiras e sonhos por lapidar.

Para quem a vive ou acompanha de perto, o guião faz-se de surtos. Como ondas intempestivas, as crises chegam sem pedir licença e recuam deixando no ar uma trégua frágil.

A doença tem os seus caminhos habituais, mas gosta de diversificar o seu impacto:

- Na boca e na pele**:** O sinal de alarme inicial é, quase sempre, a presença de aftas orais dolorosas e persistentes. Seguem-se as úlceras genitais (no escroto, pênis ou vulva) que, ao contrário das orais, tendem a deixar cicatrizes profundas. A pele responde frequentemente com nodulações avermelhadas e dolorosas nas pernas (*eritema nodoso*) ou lesões acneiformes fora da idade típica.
- Nos olhos: A uveíte (inflamação ocular interna) manifesta-se por dor, vermelhidão e sensibilidade à luz (*fotofobia*). O perigo aqui não é apenas o desconforto: sem intervenção rápida, cada surto acumula cicatrizes que podem ameaçar seriamente a visão.
- Nas articulações: Inchaços e dores nas articulações (joelhos, tornozelos e punhos) que, embora incómodos, raramente causam deformações.
- Nos órgãos vitais (Neuro-Behçet, Vascular e Intestinal): Nos cenários mais graves, a vasculite atinge grandes veias provocando tromboses, ou artérias originando perigosos aneurismas (sobretudo nas artérias pulmonares). No sistema nervoso central, manifesta-se com dores de cabeça persistentes, alterações de equilíbrio e confusão; no intestino, causa lesões ulcerosas que mimetizam doenças inflamatórias intestinais.

O grande drama, no tabuleiro do diagnóstico, é a ausência de um veredito sumário. Não há um exame único, uma gota de sangue que deite as cartas todas na mesa. O médico veste-se de detetive, cruzando pistas, somando sintomas, juntando o traço das úlceras àquela pequena reação cutânea que brota à menor picada de agulha — o curioso teste de patergia, que denuncia um sistema imunitário hiperativo, a trabalhar em sobressalto, como um exército que disparasse contra a própria sombra.

Apesar de não ostentar cura no horizonte imediato, a Doença de Behçet tem hoje algo que outrora lhe faltava: a ciência como aliada firme. O arsenal terapêutico orienta-se pela gravidade e pelo órgão afetado:

- Primeira Linha e Formas Ligeiras: A velhinha colchicina continua a ser a primeira escolha para travar as aftas recorrentes e as dores articulares, frequentemente complementada por corticoides tópicos (pomadas, elixires ou colírios).
- Imunossupressores Convencionais: Perante o envolvimento ocular, vascular ou neurológico, utilizam-se fármacos como a azatioprina, o metotrexato ou a ciclofosfamida, destinados a acalmar a resposta imunitária desgovernada.
- Terapias Biológicas e Alvo: A medicina revolucionou a abordagem das formas graves. Os inibidores do TNF-alfa (como o infliximab ou o adalimumab) tornaram-se vitais para salvar a visão e controlar complicações vasculares ou neurológicas severas.

No fundo, viver com Behçet — ou simplesmente compreendê-la enquanto sociedade — é aprender a respeitar o ritmo do corpo e a fragilidade dos dias de chuva. É dar as mãos à incerteza sem perder de vista o horizonte. Afinal, por detrás de cada diagnóstico raro, há sempre uma história de resiliência à procura de um porto seguro.